

DA DIUTURNA FAINA ESPIRITUAL À SAPIÊNCIA DOS DOUTOS

A prática do saber sob a pluma de mestres medievais

CARLILE LANZIERI JÚNIOR*

Se os deuses tivessem feito a filosofia um bem comum a todos, e nós já nascêssemos sábios, a sabedoria perderia a sua característica mais importante, que é precisamente o fato de não ser devida ao acaso. Tal como as coisas são, o que faz dela um bem precioso e supremo é o fato de nos não ser dada, de cada um a obter com próprio esforço, de ninguém a poder ir tomar de empréstimo. Que haveria na filosofia capaz de merecer a nossa admiração se ela fosse um objeto que se pudesse oferecer? (LÚCIO ANEU SÊNECA, *Cartas a Lucílio*, livro XIV, carta 90, 2)

Com o fortalecimento das escolas ligadas a catedrais e o advento das universidades no século XIII, muitas das conquistas pedagógicas oriundas do ambiente monástico caíram no esquecimento historiográfico. O legado de ensinamentos produzidos ao longo de séculos não encontrou lugar de destaque na mesa de trabalho dos historiadores (RUBENSTEIN & VAUGHN, 2006:1). Felizmente, esse quadro vem se alterando neste início de século com pesquisas que pretendem fazer esse resgate. Neste opúsculo, tencionamos apresentar um ponto específico dessa pedagogia: a prática. Atividade que assentava e polia os ensinamentos recebidos, mas que, acima de tudo, possuía como fim elevar o homem da condição carnal à plenitude do espírito.

A elevação espiritual humana através do distanciamento em relação ao século era a prescrição basilar que se insinuava por trás da educação definida pelos monges medievais. À medida que os seres humanos se desprendiam do que era secular, mais se aproximavam do que pertencia a Deus (PAUL, 1988:581). Homens norteados pela busca dos conhecimentos divinos, os monges foram por longa data os mestres docentes do ocidente (GILSON, 2007: 227).

* Doutorando em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ). Orientador: Professor Doutor Roberto Godofredo Fabri Ferreira. E-mail: lanzierijunior@uol.com.br. Deixo aqui manifesto meu sincero agradecimento ao Professor Ms. Leonardo Augusto Silva Fontes [UFF (*Scriptorium*)/Arquivo Nacional] pela valiosa leitura crítica deste artigo.

*
* *

Abu Nasr Muhammad ibn al-Farakh al-Farabi (c.870-950), filósofo nascido na Ásia Central, é reverenciado como um dos grandes nomes do pensamento muçulmano (COSTA, 2003:102). Em *O caminho da felicidade*, Al-Farabi – simplificação nominal pela qual ficou conhecido em terras ocidentais – dizia a seus leitores que uma vida boa e feliz derivava de bons hábitos. Entre os ensinamentos e reflexões filosóficas que deixou, havia os que se destinavam ao domínio da escrita com absoluta mestria:

A arte de escrever só se consegue quando o homem **pratica de maneira usual** [...]. A excelência da ação de escrever só se adquire quando antes **se acostuma o homem a uma excelente ação de escrever** [...]. Esta excelente ação de escrever é possível ao homem [...] por causa da faculdade que possui por natureza (AL-FARABI, *O caminho da felicidade*, citado em COSTA, 2003:103) (Os grifos são nossos).

Prática constante que produz habilidade permanente. Na acepção deste pensador muçulmano, não existia alternativa, um atalho providencial que encurtasse a jornada. Em meados do século XII, João de Salisbury (c.1115-1180), bispo da Catedral de Chartres e um dos mais elegantes latinistas de seu tempo (LOYN, 1997:222), ergueu seu cajado contra aquilo que tratava como uma nódoa impregnada em alguns dos educandos de então: o duvidoso saber dos cornificianos – estudantes que instavam a simplificação dos programas de estudos (GILSON, 2007:319).

Desdenhosos dos métodos pedagógicos vigentes, ancorados em constância e disciplina, os cornificianos não tinham paciência para haurir os conhecimentos a eles oferecidos. Na rapidez enganosa e rasteira, exibiam-se como detentores das mais altas patentes de sabedoria:

Esses **doutores “recém-cozidos” gastam mais horas dormindo que acordados em estudos de filosofia, e foram educados com menos esforço** que aqueles que, de acordo com a mitologia, depois de dormirem no monte Parnaso, imediatamente se tornaram profetas (JOÃO DE SALISBURY, *Metalogicon*, livro I, cap. 3) (Os grifos e a tradução para o português são nossos).

Separados por cerca de duzentos anos e matrizes culturais e religiosas assaz distintas, o muçulmano Al-Farabi, precursor do médico e filósofo oriental Avicena

(c.980-1037), e o cristão João de Salisbury concordavam em um ponto: a arte da boa educação baseava-se no esforço de uma faina diuturna, não era uma conquista automática. Somente pela reta disciplina intelectual, chegava-se à perfeição.

Os cornificianos também não escaparam da censura do mestre Gilberto de la Porée (1076-1154), eminente estudante da escola teológica da Catedral de Chartres (LOYN, 1997:166) – um dos centros intelectuais mais ativos de toda a primeira metade do século XII (GILSON, 2007:315 e 319). As palavras do crivo de Gilberto foram reproduzidas por João de Salisbury, aprendiz procedente do manancial porretano.

Mestre Gilberto [...] costumava zombar ou deplorar – não estou certo disso – da insanidade de seu tempo. Quando ele via os ditos indivíduos se desviarem dos mencionados estudos, costumava dizer que deveriam se tornar padeiros – uma ocupação que, de acordo com ele, costumava receber todos que estavam desempregados e carentes de alguma habilidade particular. **Pois padeiro era uma ocupação fácil, subordinada a outras, e especialmente acomodada aos que se interessavam mais por pão que por coisas feitas habilmente** (JOÃO DE SALISBURY, *Metalogicon*, livro I, cap. 5) (Os grifos e a tradução para o português são nossos).

O mestre Gilberto era justo e incisivo: se o intelecto recusava o trabalho e se esquivava das habilidades sobremaneira exigentes, melhor seria deixá-lo sob a responsabilidade do corpo, tão somente ávido pelo simples pão material. Com humor sutil, a sabedoria de Gilberto de la Porée se alinhava com os que entendiam que o conhecimento não era adquirido com breve simplicidade: vários anos de dedicação eram a forja e têmpera dos sábios. A quem pensava diferente, Gilberto sugeria os ofícios repetitivos das artes mecânicas, dignos e até mesmo rentáveis, porém, incapazes de alçar os homens à grandeza que transcende a banalidade cotidiana e material deste mundo (COSTA, 2005:36; JOSEPH, 2008:23).

Entre as suas tantas lembranças pessoais acerca de sua formação intelectual eternizadas nas páginas dos três livros que compõem *Metalogicon*, João de Salisbury ainda guardou lugar para Bernardo de Chartres (†c.1130), estudioso da Gramática e da Lógica e eminente humanista de então (LOYN, 1997:48).

Outro aspecto do método de Bernardo [de Chartres] era **fazer com que seus discípulos compusessem prosas e poesias todos os dias, e exercitassem suas faculdades** em conferências mútuas, pois **nada é mais útil no treinamento introdutório do que verdadeiramente acostumar cada estudante a praticar a arte que estudam**. Nada é melhor para promover a aquisição da eloquência e obtenção de conhecimento do que tais

conferências, que também têm a salutar influência na conduta prática, provando que a caridade modera o entusiasmo, e que a humildade não se perde durante o processo de aprendizagem (JOÃO DE SALISBURY, *Metalogicon*, livro I, cap. 24) (Os grifos e a tradução para o português são nossos).

Nem mesmo a força do tempo era capaz de apagar as boas lembranças de uma educação de qualidade e assinalada pela disciplina. Pela pena memorialista de João de Salisbury o método de Bernardo de Chartres primava pelo labor que fomentava o saber entre os jovens estudantes sob seus cuidados. À mesma época dos mestres João de Salisbury, Bernardo de Chartres e Gilberto de La Porée, o humanista e teólogo do reino francês, Hugo de São Vítor (1096-1141), ao dissertar sobre a humildade, descreveu didaticamente os caminhos imprescindíveis aos ávidos por sabedoria. A esses, Hugo aconselhava a calma, pois o verdadeiro sábio deseja apenas aprender, não exibir soberbamente o que aprendeu.

[...] por que você aspira a coisas altíssimas, quando ainda jaz no lugar mais baixo? **Avalie**, antes, aquilo que as tuas forças podem sustentar. Avança bem, quem **avança ordenadamente**. Alguns, querendo dar um salto grande, caem no precipício. **Não queira, portanto, apressar-se demais** (HUGO DE SÃO VÍTOR, *Didascálicon*, livro III, cap. 13) (Os grifos são nossos).

Prática que se faz no tempo adequado, com ordem e paciência. Na acepção do mestre São Vítor, a absorção do que alcança os ouvidos e adentra o espírito é perfeita quando realizada por etapas: somente se avança ao nível seguinte quando o anterior foi vencido. As palavras de Gilberto de la Porée e João de Salisbury somadas às de Hugo de São Vítor parecem ser eco do que fora dito em períodos mais antigos. Na Espanha visigótica dos séculos VI e VII, o bispo Isidoro de Sevilha (c.560-636), em *Etimologias* (c.615), dedicou numerosas páginas às *Artes Liberais*. Ao se referir à Retórica, Isidoro afirmou:

A perícia oratória está enraizada em três coisas: na natureza, na doutrina e na prática. A **natureza** está baseada nas coisas inatas; a **doutrina** consiste na ciência; e a **prática se assenta no exercício constante**. Não somente no orador, mas em qualquer outro homem dedicado a uma profissão, esperamos encontrar estas três coisas se quer chegar à perfeição (ISIDORO DE SEVILHA, *Etimologias*, livro II, 3.2) (Os grifos e a tradução para o português são nossos).

Natureza, doutrina e prática, eis a tríade que alimentava o motor intelectual constituído pela mente isidoriana. Natureza é a saúde intocada do espírito (ou cérebro) e do corpo; doutrina era todo o conhecimento à disposição das pessoas que o buscam; e, enfim, a prática era o combustível que queima, sem este, não existe funcionamento, a engrenagem logo pára e se enferruja.

Ao lançar nosso olhar investigativo para épocas anteriores ao cristianismo, deparamo-nos com o escritor e filósofo romano Lúcio Aneu Sêneca (4a.C.-65d.C). Nas dezenas de cartas que destinou a Lucílio, Sêneca teceu as seguintes assertivas:

É **imprescindível persistir**, é preciso robustecer num **esforço permanente** as nossas idéias, se queremos que se transforme em sabedoria o que apenas era boa vontade (LÚCIO ANEU SÊNECA, *Cartas a Lucílio*, livro II, carta 16, 1).

A virtude autêntica, porém, só é possível a uma alma instruída, cultivada, uma alma que atingiu o mais alto nível através de uma **contínua exercitação** (LÚCIO ANEU SÊNECA, *Cartas a Lucílio*, livro XIV, carta 90, 46).

A mera sensibilidade não é capaz de ajuizar sobre o bem e o mal; é incapaz de destringer o que é útil do que é inútil. Não consegue formular uma opinião senão quando é posta perante uma situação concreta; não sabe prever o futuro, tal como é incapaz de lembrar o passado; não tem a noção de continuidade. Ora é **precisamente a continuidade que permite a evolução constante e a unidade de uma vida que segue o caminho da retidão** (LÚCIO ANEU SÊNECA, *Cartas a Lucílio*, livro VII, carta 66, 35) (Os grifos são nossos).

Na leitura do que Lúcio Aneu Sêneca estampou entre as várias epístolas que escreveu, e de tantos outros que o precederam, destacadamente Platão (c.428-c.348 a.C) e Marco Túlio Cícero (106-43 a.C), vislumbramos o quanto o cristianismo sorveu da filosofia greco-romana para sua gênese (GILSON, 2006:518). Mas não foram apenas questões conceituais, também havia aquelas que se referiam ao método. De acordo com Sêneca, a persistência prática fortificava quem estudava e vertia a boa-vontade inicial em saber apurado e duradouro.

Por fim, em meados do século XIII, em carta destinada a um certo dominicano chamado Irmão João, São Tomás de Aquino (1225-1274) igualmente enfatizou o imperativo de se dedicar continuamente aos estudos. Tomás de Aquino assentou com concisão medida alguns dos atributos imprescindíveis ao bom estudante, destaque para o exercício dos dons da natureza com esforço e cautela.

Não atentes a quem disse, mas ao que é dito com razão e isto, confia-o à memória. Faz por entender o que lê e por certificar-te do que for duvidoso. **Esforça-te por abastecer o depósito de tua mente**, como quem anseia por encher o máximo possível um cântaro. **Não busques o que está acima de teu alcance** (SÃO TOMÁS DE AQUINO, *De modo studendi*, citado em LAUAND, 1998:303-304) (Os grifos são nossos).

Desde os antigos até os grandes mestres medievais, a sabedoria alicerçada no trabalho contínuo da mente era verdadeiro tópos, uma permanência arraigada em diversos escritos e que atravessaram mais de mil anos de história. E São Tomás não foi diferente: o homem inteligente exercita a mente e conhece o rumo de seus passos. Mas deixemos de lado essas digressões por outras épocas e lugares, é preciso redirecionar nossa pena para a primeira metade do século XII, período das grandes ordens monásticas e dos debates acerca dos caminhos que o monaquismo deveria tomar.

*

* *

Nessa providencial virada de leme, encontramos o abade Guiberto de Nogent (c.1055-c.1125), personagem que há alguns anos é tema basilar das incursões que promovemos pelo medievo. Logo na abertura do tratado que escreveu acerca da importância da capacidade de se pregar com eloquência e orientação, *Quo ordine sermo fieri debeat* (c.1084), Guiberto enfatizou o quão era fundamental o cristão afeito aos conhecimentos conservar-se em uma vida dedicada aos estudos:

É extremamente perigoso para um homem que tem o ofício de predicar parar de estudar. Assim como é condenável ser exemplo de ostentação, também é quase igualmente merecedor de danação recusar sanar os pecadores através da pregação (GUIBERTO DE NOGENT, *Quo ordine sermo fieri debeat*, MPL 21B) (Os grifos e a tradução para o português são nossos).

Aos olhos do abade Guiberto de Nogent, quando não existia o estudo (prática), não existia o saber, e quando não existia o saber, não existia a elevação. Assim, para ele, na formação de um sábio predicador cristão, esse ciclo do conhecimento não poderia ser quebrado. Sem pertinácia, esboroava-se a loquacidade, mas também qualquer indício de discernimento e capacidade de ajudar os semelhantes. Vencido pela inércia, o pregador

cristão abandonava sua condição privilegiada e se deixava arrastar pelo turbilhão dos pecados.

Quase três décadas depois de escrever esse pequeno tratado acerca da produção de sermões, Guiberto de Nogent deu vida a outra obra: *Monodiae* (c.1115). No primeiro dos três livros que a compõem, Guiberto contou a história da relação que manteve com seu primeiro professor: um homem descrito como alguém de pouquíssima instrução, mas que, com o passar dos anos, conquistou o amor de seu jovem pupilo.

Nas sutilezas da acepção guibertina, era nítido que os saberes eram gestados e se solidificavam com o tempo e a paciência que se requer para o cozimento de um prato apetitoso ou fermentação de um vinho suave e aromático. Segundo Guiberto, um mestre que não foi capaz de cumprir essas etapas de gestação não estava credenciado ao ensino. Por trás das palavras deste abade, deslindamos como ele enxergava um tutor realmente preparado: uma pessoa que não confunde a mente do educando, uma vez que sabe muito bem o que deseja ensinar.

Enquanto meu mestre batia em mim **por não saber o que ele mesmo não sabia**, ele podia ter sido bem aconselhado a considerar o mal que tinha feito, ao **espremer em minha frágil cabecinha o que ele nunca tinha posto lá em primeiro lugar**. De todo jeito, palavras de lunáticos podem ser simplesmente entendidas pelos sãos. Similarmente, as palavras das pessoas que são ignorantes, mas pretendem saber alguma coisa, e que passam adiante o “conhecimento” delas a outros, tornam-se mais obscuras quando tentam explicar o que dizem. **Não existe nada mais difícil do que tentar mostrar alguma coisa que você mesmo não entende. É obscuro para o orador e ainda mais para o ouvinte** (GUIBERTO DE NOGENT, *Monodiae*, livro I, cap. 5) (Os grifos e a tradução para o português são nossos).

Preparação, eis a disposição de fundo embrenhada neste excerto das reflexões de Guiberto de Nogent. Preparação que dá clareza exata às palavras e ações, mas que deve ser feita na época certa e por gente capaz de conduzir o processo com a devida sapiência. Aos tolos togados sem o adequado labor (ou recém-cozidos, como nos disse o mestre João de Salisbury), professorar se convertia em fardo de transporte difícil.

Sem maiores rodeios, Guiberto de Nogent era transparente em suas frases: um ignorante nos meandros das artes do saber não reunia condições para ensinar com método e profundidade. Mas após tanto criticar, Guiberto nos surpreendeu, e gradativamente modificou o tom de sua prosa. Vejamos:

Por mais opressivo que fosse, meu mestre tornou claro para mim que de todas as formas me **amava** não menos do que amava a si mesmo. Ele **zelava** por mim com grande diligência. **Cuidava** de meu bem estar com muita atenção, e **temia** as más intenções que algumas pessoas me direcionavam (GUIBERTO DE NOGENT, *Monodiae*, livro I, cap. 6) (Os grifos e a tradução para o português são nossos).

Em um primeiro momento, Guiberto de Nogent acusou com veemência seu primeiro tutor de ser uma pessoa claramente despreparada para a tarefa que lhe foi confiada: não a praticou em ocasião propícia. Em seguida, teceu elogios e destacou as ações afetuosas deste mesmo homem (amar, zelar, cuidar, temer). Como entender essa transformação? Como conciliar essa aparente contradição na narrativa de Guiberto?

Uma vez que Guiberto de Nogent descreveu aquela relação muitos anos após a ocorrência dos fatos, acreditamos que tempos diferentes se sobrepõem sob sua pluma: o tempo do jovem ávido por conhecimentos e o do monge idoso, sereno e experimentado. Na tentativa de entender este amor que Guiberto mansamente passou a cultivar pelo rude professor que o custodiou da infância ao alvorecer da juventude, percebemos que o segundo, aos poucos, tomou o lugar do primeiro.

Na seqüência do que interpretamos, confiamos entrever nas entrelinhas do texto de Guiberto de Nogent o tipo de saber que ele, já na condição de abade, admirava: um saber revelado pela modéstia e bons modos cristãos, não um saber proporcionado apenas pelos livros. Assim, consideramos Guiberto um herdeiro do saber clássico, mas um herdeiro que igualmente imprimiu no que recebeu um verniz monástico: o saber carecia de prática, isso era fato, mas, como ensinou São Paulo,¹ de nada valia apartado da prática principal, a das virtudes.

Desta maneira, Guiberto de Nogent passou a demonstrar amor e respeito porque entendeu que seu professor o conduziu pelos interstícios da moral monástica e o fez praticá-la à exaustão. Se ele não era um douto conhecedor de numerosos livros, era um sábio prático na arte de viver a plenitude dos desígnios cristãos e buscava incutir isso na cabeça de seu discípulo. À sua maneira, aquele homem pôs diante de Guiberto o melhor dos livros: o livro da vida, escrito por Deus e que nenhuma outra literatura poderia substituir (LECLERCQ, 1961:260).

¹ “Ainda que eu falasse línguas, as dos homens e as dos anjos, se eu não tivesse a caridade, seria como bronze que soa ou como címbalo que tine. Ainda que tivesse o dom da profecia, o conhecimento de todos os mistérios e de toda a ciência, ainda que tivesse toda a fé, a ponto de transportar montanhas se não tivesse a caridade, nada seria” (1 Cor 13, 1-2).

A partir de perspectivas históricas e culturais específicas, o amor guibertino deve ser igualmente entendido como sentimento fraternal, não sexual, uma vontade de educar contra o maligno (MÜNSTER-SWENDSEN, 2006:327-328). Ao nos apropriarmos do conceito filosófico de “amizade” construído por Lúcio Aneu Sêneca² como elemento comparativo e explicativo, a chave para a compreensão das palavras de Guiberto se aproxima de nossas mãos: possivelmente, ele se deu conta de que é perene o amor entre aqueles que alimentam amizades sinceras. Amor de acepção espiritual e filosófica, mais verdadeiro se confrontado ao que surge entre um homem e uma mulher.

Nos primeiros anos vividos nas dependências da abadia de Saint-Germer de Fly, Guiberto de Nogent dedicou-se com determinação aos estudos. Na ânsia por adquirir mais conhecimentos, por ascensão intelectual, ele se perdeu nos encantos da poesia. Gradativamente, ele se afastou das determinações monásticas: nem um pouco humilde, adorava mostrar aos outros tudo aquilo que escrevia. A soberba espreitava. Segundo o próprio Guiberto, seu antigo mestre, que também vivia nas dependências de Saint-Germer, contou-lhe sobre um sonho. Nas palavras de Guiberto, eis a experiência onírica de seu professor:

Enquanto ainda estava em estado de exasperação e desgosto, ele começou a dormir, e a seguinte visão lhe veio: um velho de cabelos brancos [...] apareceu e lhe falou severamente: “Quero que apresente um relatório desses poemas que foram compostos. A mão que os escreveu não é a do homem que desenhou essas cartas.” Meu tutor relatou essa cena para mim. Tivemos a mesma interpretação do sonho. Estávamos profundamente perplexos e nos exaltamos na esperança que tínhamos em ti, Senhor [...]. O significado dessa visão nos deu a confiança de que uma mudança salutar de meus modos frívolos estava para vir (GUIBERTO DE NOGENT, *Monodiae*, livro I, cap. XVII) (A tradução para o português é nossa).

Quem chamou o jovem Guiberto de Nogent à consciência foi seu tutor, o mesmo que em outras ocasiões o puniu com duras saraivadas. Ao ser advertido e começar a compreender a natureza das falhas que cometia, Guiberto viu que sua alma estava doente, vagava a esmo sem perspectiva de cura. A atitude solícita deste mestre nos faz

² “Ao incitar-te insistentemente ao estudo da filosofia estou trabalhando em meu proveito: é que eu pretendo ter um amigo, e não poderei consegui-lo se tu não continuares a cultivar-te como tens feito. Neste momento tens estima por mim, mas ainda não és meu amigo. ‘*Que dizes? Então uma coisa não implica a outra?*’ Não, são mesmo coisas muito diferentes, porque, se a amizade é sempre proveitosa, o amor pode por vezes ser nocivo” (LÚCIO ANEU SÊNECA, *Cartas a Lucílio*, livro IV, carta 35, 1).

uma vez mais lançar o olhar sobre plausíveis reminiscências do pensamento antigo misturadas à tinta do texto guibertino. A saber.

Nas páginas de *O pedagogo*, Clemente de Alexandria (150-215) entendia Deus como saber supremo (*logos*) e o homem como uma criatura em busca de uma vida virtuosa (*gnosis*). Segundo Clemente, o mestre (pedagogo) era o instrumento que auxiliava os humanos e que os curava dos males engendrados pelo pecado: “[o pedagogo] atuando como terapeuta e conselheiro [...], anima o que foi convertido, e, o que é mais importante, promete a cura de nossas paixões”. E mais: “[...] o Pedagogo fortalece a alma mediante os incentivos dos exemplos e mediante os preceitos humanitários, e – como os doces remédios – leva os enfermos ao perfeito conhecimento da verdade” (CLEMENTE DE ALEXANDRIA, *O pedagogo*, livro I – O que promete o pedagogo, 4 e 3.1).

A atuação do mestre como uma espécie médico de almas enfermas pelo pecado e a conseqüente cura pela aquisição de bons conhecimentos (filosofia) já estava manifesta em Lúcio Aneu Sêneca (BEZERRA, 2005:8). Segundo Sêneca: “De fato é na filosofia que existe a saúde verdadeira. Sem ela, a alma estará doente e mesmo o corpo, embora dotado de grande robustez, terá somente saúde própria dos dementes, dos frenéticos” (LÚCIO ANEU SÊNECA, *Catas a Lucílio*, Livro II, 15). Bem superior, remédio para almas enfermas e corrompidas pelo mal, a filosofia tinha a capacidade de libertar e transformar os que a portavam em seres saudáveis e virtuosos.

Ao trazer seu pupilo à consciência através de uma conversa, também notamos uma expressiva transformação nas atitudes pedagógicas deste mestre. Nas ocasiões em que lidou com Guiberto de Nogent na infância, ele o castigava fisicamente; quando Guiberto ficou mais velho, ele largou o açoite ao chão e passou a tocá-lo na alma. Tacitamente, os versículos primeiros do capítulo trinta de *A Regra de São Bento* puxavam os fios que regiam essa antiga relação: “Cada idade e cada inteligência deve ser tratada segundo medidas próprias”.

O abade Guiberto de Nogent sabia das limitações intelectuais de seu tutor, e o recriminou por isso. Todavia, durante a narrativa, esse lapso se converteu em assunto meramente secundário na história desses personagens. No fim, o que prevaleceu foi a preocupação daquele mestre com a prática cristão diária de seu pupilo, uma

preocupação que se transformou em matéria imperecível, representada pelas atitudes recatadas e modestas mantidas por Guiberto.

É neste ponto de *Monodiae* que Guiberto de Nogent revelou os rudimentos de sua evolução. Concomitantemente, ele falou da pedagogia a ser estabelecida para o enriquecimento espiritual de um estudante. Se ele explicitou o amor pelo antigo professor, essa consideração não o cegou. Ele cultivava um sentimento maior: a prudência. Resultado da experiência, ela fazia os humanos observarem quem os cercava. Na oportunidade apropriada, esse dom os permitia decidir com virtude e correção.³

*
* *

Como a gênese intelectual demandava tempo e disposição, também a obediência monástica se fazia indispensável. Entretanto, o saber não brotava voluntariamente dos estudantes: era preciso moldá-lo, saboreá-lo em módicas porções, com a calma e a delicadeza das mãos de um afável artífice. Sem atropelos, mas com constância de ânimo e disciplina, o estudante era conduzido da ignorância ao saber, da reles percepção mundana aos sentidos da superioridade intelectual e espiritual.

Bibliografia

Fontes Primárias

A Regra de São Bento. 2. ed. Juiz de Fora: Mosteiro da Santa Cruz, 1999.

Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2004.

CLEMENTE DE ALEXANDRÍA. *El pedagogo*. Madrid: Ciudad Nueva, 1994 [Edição bilíngüe – grego/espanhol – preparada por Marcelo Merino e Emilio Redondo].

GUIBERT DE NOGENT. *Autobiographie*. Edição e tradução: Edmond-René Labande. Paris: Les Belles Lettres, 1981.

³ No século seguinte aos escritos do abade Guiberto de Nogent, Tomás de Aquino reverenciou o dom da prudência, manifestada na capacidade humana de observar e agir com a certeza de tomar a decisão correta, sem titubear e se esquivar das responsabilidades: “Segundo o filósofo, a prudência é a ‘reta razão aplicada ao agir’, ou seja, é algo próprio da razão prática. E diz também que ‘é próprio do homem prudente o bom conselho’. Ora, o conselho diz respeito a como devemos agir para obter algum fim, o que, evidentemente, é da razão prática” (TOMÁS DE AQUINO, *A prudência*, questão 47, art. 2 – *A prudência é uma virtude da razão prática e não da razão especulativa*). Para Tomás, a prudência relacionava-se ao agir com decisão, não à hesitação. Porém, ela tinha em si a orientação de se fazer uso do bem, o que tornaria ações súbitas e infundadas condenáveis e distantes da razão humana.

GUIBERT DE NOGENT. *Quo ordine sermo fieri debeat; De bucella Iudae data et de veritate Dominici Corporis; De sanctis et eorum pigneribus*. Turnholti: Brepols, 1993.

HUGO DE SÃO VÍTOR. *Didascálicon: da arte de ler*. Petrópolis: Vozes, 2001.

JOHN OF SALISBURY. *The Metalogicon of John of Salisbury: a twelfth-century defense of the verbal and logical arts of the Trivium*. Berkely / Los Angeles: University of California, 1971.

LÚCIO ANEU SÊNECA. *Cartas a Lucílio*. 4. ed. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2009.

SAN ISIDORO DE SEVILLA. *Etimologías*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2004.

SÃO TOMÁS DE AQUINO. *A prudência: a virtude da decisão certa*. São Paulo: Martins Fontes, 2005 (Tradução, introdução e notas de Jean Lauand).

_____. De modo studendi. In: LAUAND, Luiz Jean (org.). *Cultura e educação na Idade Média: textos do século V ao XIII*. São Paulo: Martins fontes, 1998, p. 299-304.

Fontes Secundárias

BEZERRA, Cícero Cunha. A filosofia como medicina da alma em Sêneca. *Ágora Filosófica*, Recife, n. 2, p. 7-32, 2005.

COSTA, Ricardo da. A educação na Idade Média. A busca da sabedoria como caminho para a felicidade: Al-Farabi e Ramon Llull (séculos X-XIII). *Dimensões: revista de História da UFES*, Vitória, n. 15, p. 99-115, 2003.

_____. *Las definiciones de las siete artes liberales y mecánicas en la obra de Ramón Llull*. São Paulo / Porto: Mandruvá, 2005.

GILSON, Étienne. *A filosofia na Idade Média*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

_____. *O espírito da Filosofia medieval*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

JOSEPH, Miriam. *O trivium: as artes liberais da lógica, gramática e retórica*. É: São Paulo, 2008.

LAUAND, Luiz Jean (org.). *Cultura e educação na Idade Média: textos do século V ao XIII*. São Paulo: Martins fontes, 1998.

LECLERCQ, Jean. *The love of learning and the desire for God: a study of monastic culture*. New York: Fordham University, 1961.

LOYN, Henry R. (org.). *Dicionário da Idade Média*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

MÜNSTER-SWENDSEN, Mia. The model of scholastic mastery in northern Europe c.970-1200. In: RUBENSTEIN, Jay & VAUGHN, Sally N. (eds.). *Teaching and learning in northern Europe: 1000-1200*. Turnhout: Brepols, 2006, p. 306-342.

PAUL, Jacques. *La Iglesia y la cultura en Occident – siglos IX-XII: el despertar evangelico y las mentalidades religiosas*. Barcelona: Nueva Clio, volume II, 1988.

RUBENSTEIN, Jay & VAUGHN, Sally N. (eds.). *Teaching and learning in northern Europe: 1000-1200*. Turnhout: Brepols, 2006.